

AIDS, homossexualidade e estigma social nos anos 1980: as vozes da mídia nos jornais brasileiros da Coleção ABIA

Igor Falce Dias de Lima (Fiocruz) - igorfalcedl@gmail.com

Fátima Duarte de Almeida (Fiocruz) - fatima.duarte@icict.fiocruz.br

Maria Tereza Risi (Fiocruz) - tereza.risi@icict.fiocruz.br

Resumo:

Apresenta a relevância e a importância histórico-patrimonial da Coleção ABIA. Expõe o acervo de clippings da coleção como uma significativa fonte de informação histórico-científica em AIDS no Brasil. Analisa as notícias de jornais brasileiros publicadas no início da década 1980. Identifica discursos discriminatórios por parte da mídia impressa nacional em relação à população homossexual. Através das notícias, expõe como a falta de conhecimento sobre a doença contribuiu para a disseminação do preconceito contra a população homossexual.

Palavras-chave: *Coleção ABIA. AIDS. Homossexuais. Estigma social. Notícias. Jornais brasileiros.*

Eixo temático: *Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás*

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980 foram realizadas no Brasil importantes iniciativas em resposta à epidemia da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) que emergia no país e no mundo. Inúmeras pesquisas, projetos e programas de prevenção e controle da doença foram estrategicamente executados com a finalidade de compreender e erradicar esse mal que vinha atingindo parcelas cada vez maiores da população.

Concomitantemente, o estigma social em torno dos chamados grupos de risco¹ se tornava cada vez mais presente, fortalecendo o preconceito a homossexuais, usuários de drogas e profissionais de sexo que compunham os grupos mais atingidos pela AIDS. A imprensa foi um dos principais veículos responsáveis pelo fortalecimento dessa discriminação, muitas vezes reproduzida de cientistas e profissionais de saúde envolvidos na pesquisa que obtinha resultados ainda prematuros e nebulosos sobre a doença (DARDE, 2006). Neste aspecto, a compreensão da sociedade civil a respeito da AIDS estava quase que condicionada aos meios de comunicação e às fontes de informação da época. Considerando que o ato de informar sempre foi uma ação estratégica na prevenção de doenças, a mídia exercia grande influência no imaginário social. Com isso, era capaz de disseminar não apenas informação, mas também medos e preconceitos através de conteúdos e discursos em suas notícias.

Paralelamente a esta conjuntura, diversas Organizações Não Governamentais (ONGs) se estruturavam numa posição central com ações coletivas contra a AIDS na segunda metade da década de 1980, as chamadas ONGs/AIDS. Dentre elas, destaca-se a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) que vinha estruturando um valiosíssimo centro de documentação (Cedoc) sobre a doença no país e no mundo. Atualmente, o centro de documentação constitui a Coleção ABIA da Biblioteca de Manguinhos na Fundação Oswaldo Cruz e configura-se como fonte de informação essencial para a composição deste artigo.

Com base na gestão e análise documental desta coleção e na literatura da área de Informação e Comunicação em Saúde, propõe-se aqui identificar e analisar os discursos presentes nas notícias dos jornais brasileiros durante a década de 1980. A partir disso, busca-se compreender a estigmatização e o preconceito em torno da

¹ O termo 'grupo de risco' é considerado discriminatório e desatualizado. As chances de infecção devem ser relacionadas ao comportamento sexual e às formas de exposição imprudentes. Desta forma, faz-se necessário substituir o 'grupo de risco' para 'comportamento de risco' ao se avaliar as chances de contaminação pelas DST (NADAL; MANZIONE, 2003).

população homossexual e sua relação com a AIDS, traçando um paralelo com a importância do acervo documental da Coleção ABIA.

2 PERCURSOS E TRAJETÓRIAS DA COLEÇÃO ABIA

Fundada em 1986 no Rio de Janeiro pelo sociólogo Betinho², a ABIA direcionava seu trabalho a pressionar o governo diante da omissão de respostas à epidemia, lutando pela proibição da comercialização do sangue e seus derivados na nova Constituição e criticando as formas de violação dos direitos civis dos que vivem com HIV/AIDS (PEREIRA; NICHATA, 2011).

Desde a sua fundação, a ONG investiu na sistematização de informações sobre a epidemia, reunindo documentos sobre AIDS no Cedoc. Seu objetivo, a priori, consistiu em fornecer à população brasileira uma fonte estratégica de dados e informações relacionadas à AIDS, reunindo ao máximo possível todo o conhecimento produzido no Brasil e no mundo a respeito da doença.

Em 2014, devido à crescente demanda de documentos e à falta de espaço físico apropriado para comportá-los, o Cedoc foi doado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ficando sob a guarda da Biblioteca de Manguinhos. A partir disso, o Cedoc foi reconfigurado em Coleção ABIA, porém mantendo todas as características originais do centro de documentação como categorização de tipologias documentais e localização dos documentos, adotadas durante o seu desenvolvimento.

A coleção possui significativo valor histórico e patrimonial, proveniente da trajetória brasileira na luta contra a AIDS. Em seus mais de 32 mil itens reúne documentos de mais de 50 países já identificados sobre a doença e assuntos correlatos, como sexualidade, comportamento sexual, doenças sexualmente transmissíveis e educação sexual. É constituída por livros, cartilhas educativas, periódicos, vídeos, dissertações, teses, cartazes, jogos e fotografias nos mais diversos idiomas, incluindo dialetos derivados do guarani.

Contempla-se neste artigo o acervo de *clippings* da coleção que contém recortes de jornais selecionados com as primeiras notícias sobre a doença no Brasil e no mundo, datados entre 1982 e 2010. Tais notícias são uma importante fonte de informação histórica acerca da memória social da AIDS, uma vez que narram fatos, reproduzem discursos e geram sentidos no universo da epidemia.

² Herbert José de Souza (1935-1997).

3 AIDS, HOMOSSEXUALIDADE E ESTIGMATIZAÇÃO NA MÍDIA IMPRESSA

De acordo com Araújo (2016) a AIDS chegou oficialmente a conhecimento da comunidade médico-científica em 1981 a partir de um relato de caso publicado no boletim oficial do órgão norte-americano Center of Disease Control (CDC). Por meio de nota editorial publicada no boletim, atentava-se para a orientação sexual dos pacientes, associando seu estilo de vida homossexual à doença.

Outros artigos saíram no mesmo ano no Lancet, no New England Journal of Medicine, mas ainda sem conceito clínico e com várias denominações carregadas de concepções morais como “pneumonia gay”, “câncer gay”, “síndrome gay”, [peste rosa], ou mesmo Gay Related Immune Deficiency (GRID) – imunodeficiência ligada a homossexualidade (ARAÚJO, 2016).

A associação da AIDS aos homossexuais foi ligeiramente incorporada ao imaginário social, condicionando a orientação sexual como um fator determinante para o desenvolvimento da doença. A fim de ilustrar tal relação, em nota³ publicada no jornal O Globo, no dia 09 de maio de 1983, afirma-se em San Francisco, nos EUA, que em função da AIDS “o termo ‘gay’ adotado pelos homossexuais por sua significação de alegria e descompromisso, foi substituído nas últimas semanas por ‘scare’ que quer dizer assustado, acovardado”.

Pelo fato da transmissão do vírus ocorrer mediante prática sexual, líderes religiosos da época consideravam que os homossexuais infectados eram castigados por Deus, ou ainda que sofriam a vingança da natureza por manter relações consideradas impróprias, sodomitas ou promíscuas. “Aids: a vingança da natureza” era essa a chamada do artigo publicado no Jornal Última Hora, no dia 27 de julho de 1985, por um membro⁴ da Igreja Católica. Em outra nota intitulada “AIDS bíblica” publicada no Jornal do Brasil, em 16 de outubro de 1985, um pastor e vereador belo-horizontino, ao se referir à população homossexual, afirma que “Deus os abandonou às paixões infames”. Os próprios pesquisadores reforçavam a ideia da homossexualidade como algo intrínseco à doença. Um consagrado infectologista brasileiro afirmava em uma entrevista à Folha de São Paulo, em 07 de agosto de 1985, que “os homossexuais são um perigo de saúde pública, pois 65% são infectados e 75% dos casos acontecem em homossexuais”.

Tal categorização fortaleceu a utilização da denominação ‘grupos de risco’, atribuída às populações consideradas vulneráveis, os homossexuais, e futuramente, os

³ HOMOSSEXUAIS pedem empenho dos EUA contra o ‘câncer gay’. Rio de Janeiro: Infoglobo, 9 maio 1983.

⁴ Em função do respeito à imagem e à integridade da pessoa física, optou-se pela não divulgação dos nomes públicos nas notícias analisadas.

hemofílicos, os usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo. Nesta perspectiva, a AIDS passou a ser percebida e mostrada pelos meios científicos, religiosos e jornalísticos como uma punição da natureza contra costumes considerados imorais pelos setores conservadores da sociedade (LIMA, 2014).

Grande parte das matérias publicadas no Brasil no início da década de 1980 eram baseadas em fontes de informação de agências norte-americanas de notícias. A forma como a doença era abordada nos Estados Unidos exercia grande influência sobre o noticiário nacional e conseqüentemente na sociedade brasileira (DARDE, 2006). Vitiello (2009, p. 38) considera nesta perspectiva que “a mentalidade construída em torno da doença, no Brasil, seguia uma tendência internacional”, uma vez que até então nenhum caso no país tinha sido noticiado. Apenas em 1983 com a morte do estilista homossexual Marcos Vinícius Gonçalves, o Markito, a doença passou a adquirir notoriedade nos grandes jornais brasileiros, reforçando ainda mais a associação da homossexualidade com a doença.

A imprensa brasileira desempenhava um papel crucial na construção de sentidos sobre a AIDS. As denominações atribuídas em manchetes e chamadas de notícias repercutiam na sociedade e serviam cada vez mais para estigmatizar o perfil do indivíduo soropositivo. Lima (2014) aponta termos como vítima, paciente, portador de AIDS, e finalmente, aidético, que viria a ser utilizado de forma pejorativa a partir de 1987 pela imprensa e se consagraria até o final da década.

Vitiello (2009, p. 42-43) considera que

junto com a informação, muitos preconceitos e relatos tendenciosos passam a ser construídos pela imprensa escrita que, além de reproduzir parte do conhecimento médico-científico que se tinha a respeito da doença, publicava opiniões que, muitas vezes, discriminavam as pessoas que eram consideradas do grupo de risco.

Dessa forma, “a doença passou a ser usada como arma para levantar o preconceito aos gays e para criar um estereótipo para os doentes” (LIMA, 2014, p. 34), sobretudo, durante a década de 1980.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado no acervo de *clippings* da Coleção ABIA foi possível analisar os discursos e o *modus operandi* da mídia impressa nacional, no que tange as notícias sobre AIDS nos anos 1980 envolvendo homossexuais, e assim, refletir a respeito da estigmatização dessa população que até hoje sofre em decorrência desse processo. Em síntese “com esse tipo de pensamento sendo construído [na imprensa] em relação

aos gays, podemos perceber que a AIDS foi importante no aumento e na articulação do preconceito aos homossexuais” (VITIELLO, 2009, p. 51). A forma como eram realizadas as abordagens nos meios de comunicação apenas serviam para fortificar ainda mais a discriminação social. Isto, porque quando

uma doença até então desconhecida surge na população, a primeira reação é de pânico. A história toma proporções maiores, a imprensa estampa suas manchetes e suas capas com dizeres assustadores e chamativos para conseguir vender alguns exemplares a mais (LIMA, 2014, p.33).

A consequência disso foi a estigmatização dos afetados pela doença, principalmente os homossexuais, que desde o final da década de 1970, vinham se organizando em movimentos sociais na luta por direitos civis. Com isso, o movimento homossexual mesclou-se ao movimento de combate à AIDS, uma vez que “agora a doença era a representação de todo um discurso preconceituoso em relação aos gays” (VITIELLO, 2009, p. 52), tornando-os, muitas vezes, indissociáveis desde então.

Por conseguinte, é necessário que se traga esta reflexão para os dias atuais, haja vista que o preconceito contra os homossexuais em torno da doença é uma herança deste momento histórico. Compreender isso permite à sociedade brasileira repensar nas medidas de prevenção e controle da doença, vinculando o combate à AIDS à luta contra a homofobia, como vem sendo feito em ONGs como a ABIA, por meio de campanhas de saúde. A mídia, neste contexto, assumiria um papel central como agente disseminadora de informação, conscientizando a população e rompendo as correntes do preconceito.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. C. C. **A AIDS e a imprensa: as vozes...** 2016. 313 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde)-Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.

DARDE, V. W. S. V. **As vozes da AIDS na imprensa: um estudo...** 2006.185 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)-UFRS, Porto Alegre, 2006.

LIMA, F. H. R. **A construção do preconceito no sujeito portador de HIV: o poder...** 2014.131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Centro de Humanidades, UEC, Fortaleza, 2014.

NADAL, S. R.; MANZIONE, C. R. Identificação dos Grupos de risco para as Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Rev Bras Coloproctol**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 128-129, 2003.

VITIELLO, G. N. B. **A AIDS em cena: os primeiros protagonistas...** 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde)-Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.